

C MEIO AMBIENTE

Novos sistemas de abastecimento somam mais de 35km de redes em comunidades das zonas Norte, Leste e Oeste

Água potável para 25 mil pessoas até o fim de 2022

Manaus é a capital brasileira que mais avançou em cobertura de água tratada nos últimos anos, de acordo com dados do Instituto Trata Brasil. E, para acompanhar o ritmo de crescimento da cidade, uma série de investimentos continuam acontecendo, para garantir que comunidades recentemente regularizadas, possam receber o serviço de água tratada pela primeira vez.

Atualmente, comunidades das zonas Norte, Leste e Oeste estão recebendo obras de implantação de infraestrutura de abastecimento. Elas vão garantir água potável para mais de 25 mil pessoas. Ao todo, estão sendo executadas obras que somam cerca de 35 mil metros de novas tubulações de água tratada. As obras tem previsão de entrega até o fim do ano.

“Nossa cobertura é 98% da cidade com abastecimento de água tratada. No entanto, precisamos acompanhar o crescimento da cidade, ou seja, levar saneamento para comunidades que estão recebendo regularização fundiária. Por isso nunca paramos, pois nosso objetivo é levar melhoria para a qualidade de vida da população manauara”, destacou o gerente de Responsabilidade Social da concessionária, Semy Ferraz.

CIDADE SANEADA

Na zona Norte, famílias de comunidades como Itaporanga, que existe há cerca de oito anos, e do complexo que compreende as comunidades Acará e Novo Milênio, que estavam há 17 e 13 anos, respectivamente, aguardando pela estrutura, já convivem com a transformação que irá proporcionar uma nova realidade com melhoria no bem-estar de pelo menos 13,2 mil pessoas.

Já na zona Oeste, as obras seguem em ritmo acelerado para contemplar aproximadamente cinco mil pessoas na comunidade Ismail Aziz. O local está recebendo cerca de 5,5 quilômetros de rede de água que irá beneficiar mais de 4,5 mil moradores. Em outra parte da mesma zona, na comunidade União da Vitória, mais 1,5 mil pessoas tam-



Fotos: Divulgação

Uma série de investimentos acontecem para garantir água tratada.

Tarifa Manauara

Nas regiões de vulnerabilidade, os moradores também são cadastrados na Tarifa Manauara, que concede 50% de desconto no valor das faturas. “Queremos construir um legado positivo em Manaus. Hoje, já temos mais de 100 mil famílias cadastradas na Tarifa Social e universalizamos o acesso à rede de água. Da mesma forma, devemos realizar investimentos no sistema de esgoto nos próximos anos. Assim, estamos contribuindo para o desenvolvimento da cidade em relação ao saneamento”, ressaltou Diego Dal Magro, diretor-executivo das Águas de Manaus.

“

Nunca paramos, pois nosso objetivo é levar melhoria para a qualidade de vida da população manauara

Semy Ferraz
Gerente de Responsabilidade Social da concessionária



São executadas obras que somam cerca de 35 mil metros de novas tubulações de água tratada nas zonas Norte, Leste e Oeste

bém serão atendidas.

“Estão trazendo o progresso para nossa comunidade. Apesar de estarmos aqui há quase 14 anos, esta é a primeira vez que

uma empresa olha por nós. Estamos todos muito felizes pois com a chegada da água, chegará também saúde e melhores condições de vida para todos”, des-

tacou o líder comunitário, André Lima, de 41 anos, e que vive no local desde a fundação da comunidade.

Na zona Leste, a chegada da

água tratada também já é uma realidade. Comunidades como Nova Conquista, Nossa Conquista e Nossa Vitória já contam com cerca de 10 quilômetros de redes de água que irá levar o líquido para aproximadamente 5,5 mil pessoas. Todas as obras estão em fase final de execução e devem ser entregues até o fim deste ano.

DESENVOLVIMENTO

Desde que chegou à cidade, a Águas de Manaus não mediu esforços para realizar a extensão de rede de água tratada, bem como implantar novas redes para locais socialmente vulneráveis, como em becos, palafitas, áreas de rip-rap e comunidades da área urbana da cidade.

Moradores da rua 7 de Abril, no bairro Zumbi, zona Leste de Manaus, são uma prova deste atendimento humanizado da concessionária. O local existe há cerca de 35 anos, mas so-

mente agora começou a receber água tratada e regularizada nas torneiras.

A dona de casa Lúcia Rodrigues, de 65 anos, mora no local desde o início e relata que já percebe os impactos positivos. “Passei minha vida tendo que comprar cano para fazer ligação clandestina. A água chegava muitas vezes suja, sem falar que ainda tínhamos os problemas quando vândalos quebravam as tubulações. Hoje vamos economizar na compra de água para beber, de canos e ainda temos a certeza de estar consumindo água com qualidade”.

Artigo

Sem floresta e povos indígenas não tem clima

Os povos indígenas e tradicionais colaboram com a proteção de um terço das florestas no Brasil. Por habitarem tradicionalmente em territórios na floresta, vivem sem destruí-la e ainda a preservam através do seu modo de vida e cultura. Em todo o mundo, são os povos indígenas que protegem 80% da biodiversidade do planeta, segundo a ONU. A relação entre a preservação dos territórios indígenas, quilombolas e de outras populações tradicionais com o equilíbrio climático é fundamental. Sem terras indígenas demarcadas e protegidas não temos como avançar no combate às mudanças climáticas que ameaçam a nossa sobrevivência. Por isso, na Conferência da ONU para as Mudanças Climáticas, que está ocorrendo no Egito até o dia 18 de novembro (COP 27), é fundamental que as demandas

destes povos sejam escutadas, respeitadas e atendidas. O Brasil está presente com uma delegação de quilombolas e indígenas que reivindicam maiores investimentos em ações de proteção territorial, reflorestamento, transição energética e redução de danos e impactos já causados pelo aquecimento global. Apesar dos dados que provam a força dos povos indígenas na preservação da sociobiodiversidade, essas populações tiveram acesso direto a apenas 0,13% dos recursos destinados à redução das mudanças climáticas entre 2011 e 2020. Essa situação precisa urgentemente ser superada. Investir para proteger as florestas que ainda estão intactas deve ser uma prioridade global. Durante a COP26 na Escócia, no ano passado, países do chamado “primeiro mundo” prometeram uma doação de US\$ 1,7 bilhão para que os povos originários sigam

protegendo seus territórios. Neste ano, um dos focos do movimento indígena é justamente cobrar o apoio financeiro prometido aos fundos geridos pelas comunidades indígenas.

FUNDOS INDÍGENAS

Atualmente, organizações indígenas estão gerindo fundos próprios para investir em projetos que alavancam a economia da sociobiodiversidade e se voltam para a proteção das culturas e formas de vida integradas com a floresta. Um desses fundos é o Fundo Indígena do Rio Negro (FIRN), gerido pela Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN), que em 2022 investiu R\$ 1 milhão em projetos de associações indígenas das regiões de Barcelos, Santa Isabel do Rio Negro e São Gabriel da Cachoeira. São 1.711 indígenas de 22 povos envolvidos na implementação dessas ações, e a expectativa é que mais de 13,3 mil pessoas sejam beneficia-



Juliana Radler

Articuladora de políticas socioambientais
Programa Rio Negro
email:
julianaradler@socioambiental.org

das por elas.

Um relatório da ONU mostra que, entre 2000 e 2012, as taxas de desmatamento na Amazônia do Brasil, Bolívia e Colômbia foram entre duas e três vezes menores dentro de Terras Indígenas quando se compara com as áreas ao redor. Essas áreas evitaram entre 42 e 59 milhões de toneladas de emissões de CO2 bruto na atmosfera. Seria como retirar de circulação cerca de 12 milhões de veículos por um ano.

Portanto, quando investimos em projetos dos povos indígenas consequentemente investimos no combate às mudanças climáticas. Como disse o presidente norte americano Joe Biden ontem (sexta, 11/11), em seu discurso na COP, uma “boa política climática é também uma boa política econômica”. E completou: “A crise climática tem a ver com a segurança do ser humano, com a segurança econômica, a segurança ambiental, a segurança nacional e a vida do planeta”.

A expectativa no Egito é que sejam firmados compromissos por uma nova política socioambiental para o Brasil nos próximos quatro anos, já que, a COP também contará com a presença de membros do governo de transição e do novo presidente eleito. Há inclusive a chance de Lula anunciar a nova ministra do meio ambiente, cujo nome mais cotado é o da ex-senadora Marina Silva, que foi ministra da pasta no seu primeiro governo, entre 2003 e 2008, período marcado pela maior redução do desmatamento já registrada no Brasil.

Além disso, um estande inédito formado por governadores amazônicos foi montado nesta COP para apresentar uma agenda próprias, diferente do estande oficial do atual governo federal. Os governos amazônicos têm como foco o desenvolvimento sustentável da floresta amazônica por meio de iniciativas de bioeconomia e do lançamento de um plano regional de combate ao desmatamento e às queimadas.